

ESPÍRITO DE CAFH

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| 1. A MENSAGEM DA RENÚNCIA..... | 3 |
| 2. ESTE É O REGULAMENTO DE CAFH..... | 4 |
| 3. REUNIÃO DE ALMAS..... | 5 |
| 4. O CORPO MÍSTICO | 6 |
| 5. OS VOTOS..... | 7 |
| 6. OBEDIÊNCIA À LEI..... | 9 |
| 7. O FILHO(A) FRENTE ÀS RELIGIÕES | 10 |
| 8. A FÉ | 11 |
| 9. COMUNICAÇÃO ENTRE O DELEGADO(A) E O FILHO(A) | 12 |
| 10. O DELEGADO(A) – GUIA DA ALMA..... | 14 |
| 11. O DELEGADO(A) COMO DIRETOR ESPIRITUAL..... | 16 |
| 12. O TRABALHO DO ORADOR(A) | 18 |
| 13. EXPOSIÇÃO DA ENSINANÇA..... | 19 |
| 14. OS BENS INTRÍNSECOS..... | 20 |
| 15. TEMPO DIMENSIONAL E TEMPO EXPANSIVO | 22 |
| 16. TRANSMISSÃO DA MENSAGEM DA RENÚNCIA..... | 23 |

A MENSAGEM DA RENÚNCIA

Primeira Ensinança

Cafh postula que a renúncia é o caminho que leva a humanidade a cumprir seu destino. Esta afirmação é um reconhecimento da renúncia como lei universal, essencial e contingente do universo e, por conseguinte, da humanidade.

O Filho(a) de Cafh transmite a Mensagem da Renúncia às almas sendo ele mesmo expressão viva dessa mensagem. As almas não esperam sermões acerca da renúncia, mas exemplos vivos e ideias claras.

Quando o Filho(a) ingressa em Cafh deve conhecer sem tardar a Mensagem da Renúncia. Muitas almas se afastam do Caminho porque não se as põe em contato imediato com a verdade que buscam e pela qual foram chamadas. Oferecer no começo doutrinas espúrias que atraem por suas respostas fáceis, ou doutrinas que implicam uma transição suave rumo à renúncia, seria negar a Mensagem e frustrar o Filho(a).

O Filho(a) Patrocinado recebe desde seu ingresso a Mensagem da Renúncia e medita sobre ela. Aplica-se ao estudo da doutrina e a aprender as práticas ascéticas. Seu trabalho é extrair as implicações que a ideia da renúncia contém para quem quiser praticá-la. Seu ponto de concentração é sua definição vocacional: como responder de forma concreta a seu ideal espiritual.

O Filho(a) Solitário interioriza a Mensagem da Renúncia, faz dela conhecimento profundo, assenta-a definitivamente em seu coração e pratica a Ascética da Renúncia. Seu ponto de concentração é conseguir que seu modo de pensar, de sentir e de atuar sejam coerentes e se integrem, e que as ideias e sentimentos contrários à sua vocação se dissipem. É importante que este processo responda a uma ampliação da consciência e não a uma imposição por parte de quem ensina. A imposição de ideias ou a discriminação autoritária dos que têm pontos de vista diferentes é contrária à Ensinança de Cafh. A supressão dogmática de ideias e de sentimentos aumenta a força que estes têm e fere tanto a quem força para suprimi-los como a quem se sente obrigado a fazê-lo. Cedo ou tarde, essa força contida se volta contra ambos.

A ideia da renúncia, quando adotada como uma força mental e emotiva, faz do pensamento do Filho(a) um processo puro de discernimento; de seus sentimentos, um movimento de participação; de suas ações, uma forma cada vez mais acabada de realizar a economia providencial: providência aos necessitados, assistência aos enfermos e direção às almas.

Assim como no estado atual do desenvolvimento humano não é necessário um esforço volitivo para efetuar as funções vegetativas, quando as almas internalizarem a Mensagem da Renúncia, sua forma de pensar, sentir e atuar refletirá essa mensagem de forma espontânea.

O Filho(a) Ordenado vive a Mensagem da Renúncia.

O Filho(a) Ordenado vive e trabalha em função da obra de assistência à humanidade. Sua oferenda leva a Mensagem da Renúncia às almas para que expandam sua consciência e descubram seu destino divino. Essa é sua glória e sua dor.

É sua glória, pois com seu sacrifício se une a todas as almas.

É sua dor, pois compreende por experiência própria quão simples é o caminho e quão difícil é para o ser humano distingui-lo e segui-lo. Sabe que a liberação do sofrimento se alcança passo a passo e que não é possível a plenitude da união divina até que todas as almas alcancem a liberação espiritual.

O Filho(a) conhece, pratica e vive a Mensagem da Renúncia contingentemente, pelo cumprimento de seus votos, e unitivamente, por sua oferenda e participação.

ESTE É O REGULAMENTO DE CAFH

Segunda Ensino

No primeiro artigo do Regulamento se lê “Este é o Regulamento de Cafh”. Por que se inclui esse artigo? É óbvio pelo título que o texto que se segue é o Regulamento. Por que não diz nada mais, por exemplo, que o Regulamento é o grupo de artigos e de normas que se leem a seguir? É como se quisesse condensar todo o Regulamento num só artigo.

“Este é o Regulamento de Cafh” estabelece que o Regulamento é uma unidade, refere-o ao presente contínuo e apresenta-o como uma expressão da vida dos Filhos(as). Isso evidencia o caráter espiritual do Regulamento.

Por ser uma unidade, cada um de seus artigos – ou grupo de artigos – deve ser interpretado dentro do contexto. Buscar explicações de disposições, separando-as do contexto, fá-las-ia letra morta, viciada de interpretações arbitrárias que podem se orientar em qualquer sentido.

Em seu capítulo terceiro, o Regulamento estabelece que o Cavaleiro(Dama) Grande Mestre resolve sobre seu alcance e situações não previstas nele. Isto faz com que o Regulamento se expresse no presente contínuo e responda a seu fim, que é o de dar aos Filhos(as) o meio mais adequado para realizar sua vocação e sua missão. Ao determinar o alcance do Regulamento, o Cavaleiro(Dama) Grande Mestre responde às necessidades dos Filhos(as) em geral e de cada Filho(a) em particular e, também, à evolução das Távolas e da sociedade. Por expressar-se no presente contínuo, o Regulamento mantém seu espírito e leva os Filhos(as) a transmutar a tradição em ensino atualizada.

Ao estudar o Regulamento de Cafh, os Filhos(as) devem recordar que a única finalidade do texto é a de oferecer o meio mais adequado, em cada momento e em cada circunstância, para que realizem sua vocação espiritual e a Grande Obra no mundo. Isto os manterá conscientes de que o Regulamento é único, mas que se expressa na vida do Filho(a) de forma dinâmica.

Por mais sábias que sejam as normas enunciadas no Regulamento, sua letra é somente uma expressão da vida espiritual de Cafh. São os Filhos(as) que expressam Cafh, cumprindo o espírito e a letra do Regulamento, através de suas vidas conseqüentes com sua vocação e com seus votos. Se as normas do Regulamento fossem cumpridas ritualmente, como uma formalidade, não poderiam sustentar a vida espiritual dos Filhos(as) e muito menos estimulá-la. Para que produza o desenvolvimento espiritual, a observância estrita e cabal do Regulamento deve se arraigar na resposta à vocação de renúncia e no compromisso sagrado dos votos.

Por isso não se pode dizer que se cumpre o Regulamento porque se segue esta e aquela norma, ou muitas, ou quase todas as normas. Cumpre-se o Regulamento quando, além de se cumprir suas normas, integra-se-o totalmente à vida e encarna-se seu espírito através da renúncia.

Os Filhos(as) interiorizam as normas do Regulamento fazendo-as seu modo de ser, sua forma espontânea de viver e de tomar decisões. Quando lhes custa muito cumprir alguma disposição, fortalecem sua vontade tomando essa dificuldade como uma disciplina ascética que os ajuda a conseguir o fim a que se propuseram. Os Filhos(as) sabem que para viver o espírito do Regulamento não podem ceder à debilidade frente aos sacrifícios que o cumprimento da letra do Regulamento implica.

A fidelidade à vocação de renúncia grava o espírito do Regulamento no coração do Filho(a).

O primeiro artigo é fundamental, pois condensa em uma única asseveração o espírito do Regulamento de Cafh: unidade, atualidade e permanência. O Regulamento é um meio de realização para os Filhos(as) na medida em que encarnem seu espírito.

REUNIÃO DE ALMAS

Terceira Ensino

O Regulamento define Cafh como uma “... reunião de almas que buscam sua liberação interior...”. Ao estabelecer o vínculo entre almas prescindindo do conceito “pessoas”, indica que a natureza da relação é espiritual e que sua base é o amor à liberdade interior.

Os vínculos entre os seres humanos são criados através de uma história comum e de uma série de hábitos compartilhados. Os laços de sangue, a relação entre os membros de um grupo, o lugar estável de residência e a adaptação ao meio ambiente, são ao mesmo tempo origem e resultado da história e dos hábitos que vinculam os seres humanos. Através desta interação, o ser humano desenvolve o sentido de responsabilidade grupal. Essa responsabilidade redundando em seu benefício, pois lhe dá oportunidade de se relacionar e de aprender da experiência de outros.

No entanto, estes vínculos são temporários; estão sujeitos às mudanças, à escolha arbitrária, às separações e à dor.

Cafh, como “reunião de almas”, localiza a relação entre os Filhos(as) no nível de aspirações espirituais compartilhadas. Isto gera uma união espiritual expansiva. Os resultados desta união são permanentes e produzem a semelhança de almas. Como sua união se estabelece sobre a base de uma vocação similar e do amor expansivo, pouco a pouco suas almas se tornam semelhantes. A força que se gera entre os Filhos(as) de Cafh é, então, somente espiritual. Por isso não é alterada nem pelos acontecimentos nem pelas mudanças; permanece no tempo e no espaço. Tem o dom da perdurabilidade.

Os Filhos(as) de Cafh ficam física, mental e espiritualmente unidos quando sua reunião espiritual é afirmada e consagrada por seus votos. O vínculo estabelecido pelos votos é indestrutível.

Quando os Filhos(as) não estão reunidos fisicamente, seu vínculo espiritual os mantém unidos, por mais afastados que se encontrem, pois a senda dos Filhos(as) de Cafh é uma só. Mesmo sem se verem nem se conhecerem, suas vozes se unem e transmitem sobrenaturalmente a Ensino.

Ao participar da Grande Obra sem apoio exterior, os Filhos(as) canalizam sua energia através do Poder da Grande Corrente.

O sinal de reconhecimento que os Filhos(as) de Cafh têm é o suave vínculo da amizade. A amizade é o reflexo exterior da união íntima das almas. A amizade une os seres simplesmente por amor.

A amizade entre os Filhos(as) é uma participação de virtudes comuns, é uma expressão de dotes morais semelhantes, é um compartilhar recíproco e amoroso da Ensino. Pelo vínculo da amizade, os Filhos(as) se estimulam mutuamente para expandir sua capacidade de amar e de participar.

A amizade dos Filhos(as) faz deles canais vivos pelos quais verte abundante amor e poder de realização sobre a humanidade.

Os Filhos(as) de Cafh que passaram ao além integram as Távolas Astrais e permanecem entre os Filhos(as) por sua força espiritual.

A reunião de almas de Cafh, ao proclamar a união espiritual das almas, evidencia no mundo a possibilidade de transcender as barreiras de separatividade que antagonizam uns grupos contra outros.

O CORPO MÍSTICO

Quarta Ensinança

O Corpo Místico de Cafh é formado pelos corpos magnético, mental e espiritual.

A força interior das almas de Cafh define o corpo magnético.

A expressão da ideia de Cafh em seus Filhos(as) forma o corpo mental.

A reunião de almas de Cafh define o corpo espiritual.

A integração total do Filho(a) a Cafh – a oferenda de seu ser, seus esforços e suas possibilidades à Grande Obra – é sua obra no mundo. Tudo o mais que o Filho(a) fizer será por acréscimo, uma expressão de sua oferenda.

O potencial de Cafh se projeta sobre o mundo de forma dinâmica numa sucessão de ideias que nascem, concretizam-se e morrem para dar nascimento a outras ideias. O Filho(a) recebe a Ensinança, aplica-a e experimenta-a em sua própria vida, enriquece-a com sua experiência e expande-a.

É por isso que a Ensinança se atualiza. Pretender que ideias derivadas tenham para sempre um significado invariável, seria dogmatizar.

Cafh se expande por participação. A força de realização dos Filhos(as) atrai as almas similares e irradia a ideia de Cafh.

Cafh se multiplica por reversibilidade. A vida dos Filhos(as) é o testemunho da ideia de Cafh. Os Filhos(as) tomam a ideia de Cafh, fazem-na obra neles próprios através de sua renúncia e, através de sua realização, impulsionam todas as almas rumo à união divina.

Cafh se determina por presença. A Ensinança se faz consciência no Filho(a), enriquece-se com sua experiência e esparge-se como força de realização.

A realização da ideia de Cafh – a Renúncia – é iluminação espiritual, pois implica a integração e coerência total de valores. No simples, desaparecem a inconsistência e a incongruência.

Não é fácil compreender o estado de renúncia, pois ele é confundido com uma sucessão intermitente de atos de renúncia, que tratam de criar uma imagem exterior de perfeição. Renunciar ora sim, ora não, adotar a ideia da renúncia como um marco ideológico, divorciado da prática diária, não é viver o estado de renúncia. O estado de renúncia é permanência estática, ou seja, *atitude* permanente de renúncia. Esta atitude não pressupõe um estado de perfeição tal que a alma nunca vá errar. No estado de renúncia o que permanece é a atitude de oferenda, ainda que na ação a alma esteja sujeita às limitações próprias de seu conhecimento e de sua capacidade intelectual. Ser Filho(a) não implica que tudo o que se faça seja perfeito ou sobrenatural. Só na medida em que o Filho(a) renuncia, faz-se apto para expressar a ideia de Cafh no mundo.

Mesmo o anseio de ajudar, se não for dirigido pela atitude de renúncia, pode afastar o Filho(a) da ideia de Cafh. O desejo de ajudar, baseado numa necessidade pessoal, leva ao paternalismo; inibe-se o desenvolvimento espiritual daqueles a quem se pretende ajudar, pois se lhes tira a dignidade e a oportunidade de aprender e de fazer. A obra de Cafh, pelo contrário, expande-se através da Ensinança compartilhada e da Economia Providencial atualizada.

A Grande Obra se faz por participação. Uma atitude independente – separada – opõe-se à Grande Obra como um obstáculo irreduzível e, finalmente, exclui dela.

Se o Filho(a) não desenvolve sua atitude de renúncia, pode ferir outros Filhos(as) e a obra de Cafh. Mais ainda, se o Filho(a) não está aberto à expressão renovada da ideia de Cafh, pode desvirtuar a Ensinança. Se o Filho(a) tem em Cafh outro apoio fora da renúncia, participa de Cafh

apenas exteriormente; sua vida espiritual é somente um anseio sem sustentáculo na realidade de sua experiência.

A força de Cafh, ao se fazer obra, cria multiplicidade. Para que se mantenha a pureza da obra, é necessário que os Filhos(as), ao mesmo tempo em que fazem a obra, permaneçam interiormente centrados na ideia de Cafh. Ou seja, toda ação deve se originar na atitude de renúncia e deverá ter como único fim a união substancial com a Divina Mãe.

O silêncio interior, a rotina do método e a paciência que levam passo a passo rumo à simplificação dos compostos, encerram o segredo da ação do Filho(a): concretizar em obra, sem desvirtuar a pureza da ideia.

O Corpo Místico de Cafh é Ired: graça divina que encarna nas almas e retorna ao divino através da realização espiritual dessas almas. Por isso as almas são o fim e o meio da obra de Cafh.

Todas as almas participam potencialmente da ideação divina. Mas cada alma, com seu esforço, há de expandir sua consciência para conquistar sua participação ativa na Grande Obra.

O que determina a capacidade de renúncia da alma? Sua realização é fruto de sua vontade ou de sua atitude de renúncia?

Vontade e atitude de renúncia devem conjugar-se para alcançar a renúncia como estado.

A grande tragédia humana é confundir liberação com o exercício indiscriminado de uma vontade cega pela ignorância. A vontade sem consciência expansiva leva à repetição de experiências sem frutos que impulsionem o desenvolvimento.

A vontade dirigida pela razão é apta para conquistar o campo que a lei de consequências determina para a alma. Para transcender esse campo e ter acesso a novas possibilidades, é necessário que a vontade seja regida não só pela razão, mas pela renúncia. Esta é a essência da verdadeira liberdade, pois outorga domínio sobre o próprio destino.

A harmonia entre vontade e consciência é liberdade. Este processo de renúncia permanente marca o caminho de liberação do Filho(a) de Cafh.

O estado de renúncia não oferece sustentáculo para a lógica linear. No entanto, a obra do Filho(a) de Cafh no mundo se faz evidente através de sua vida: a Enseñanza atualizada e realizada.

OS VOTOS

Quinta Enseñanza

O momento do ingresso em Cafh é a base de todos os compromissos posteriores do Filho(a). Para que o Filho(a) compreenda a dimensão espiritual de seu primeiro voto, é necessário que, ao ingressar, faça um exame retrospectivo. Assim compreenderá como, mesmo estando às cegas, seu destino o guiou para o caminho espiritual.

Quanto mais clara é a vocação do Filho(a), mais profunda é sua atitude de oferenda e de serviço em seu primeiro voto.

Sentimentos até então desconhecidos embargam o Filho(a) ao entrar em contato com Cafh, especialmente um sentimento de grande responsabilidade, tanto em sua vida pessoal como em sua relação com a sociedade e com o mundo. Esta tomada de consciência dá nascimento ao amor de participação e o Filho(a) sela seu amor através de seus votos.

Os votos unem o Filho(a) com o destino da humanidade, pois comprometem sua vida com seu desenvolvimento espiritual e com o de todas as almas. Ao entrar em contato com a Grande Corrente e compartilhar a força do Corpo Místico de Cafh, o Filho(a) expande sua consciência

espontaneamente. O Filho(a) encontra seu lar e sua família espiritual na humanidade. Compreende infusamente a tarefa que deve efetuar como colaborador na realização do destino humano. Ama sua missão e tem fé na assistência divina para cumpri-la.

Não há força humana que por si só possa manter a alma centrada em sua vocação. Os votos são a força do Filho(a), porque são o nexo entre sua oferenda e a graça divina que o assiste, para que seu esforço dê frutos de compreensão, amor e participação.

O voto de silêncio é a expressão do amor do Filho(a) pela Divina Mãe, a quem se une com um laço de intimidade e de silêncio.

O Filho(a) pratica o silêncio e começa a penetrar na oração, que é o tesouro do voto de silêncio.

O voto de silêncio é uma necessidade da alma, tanto ascética como mística. O Filho(a) não o vive como uma imposição, mas como o resultado de seu compromisso espiritual. O silêncio o capacita para escutar, para compreender e para conhecer a si mesmo. Sobretudo, torna-o apto para ouvir a voz de sua vocação espiritual e para receber a ensinância que sua própria vida lhe oferece.

O fruto do voto de silêncio é o dom que o Filho(a) adquire para conquistar as almas. Como ninguém conhece quais são os predestinados para Cafh, o amor do Filho(a) o leva a chamar todas as almas para o caminho espiritual; busca-as continuamente. Seu único guia é o amor que nasce de seu silêncio e que se projeta sobre todas as almas. Ele deseja vê-las todas na senda rumo à Divina Mãe.

O amor fiel é para sempre e, ao compreendê-lo, o Filho(a) emite seu voto de fidelidade. O amor à Divina Mãe torna a alma fiel até o fim.

O amor fiel é íntegro, total, sem reservas. Torna o Filho(a) observante, cumpridor, atento, cuidadoso de seus sentimentos e de seus pensamentos.

O amor fiel torna o Filho(a) partícipe da doutrina de Cafh. Como poderia um Filho(a) ser fiel a Cafh se não participasse de sua Ensinança?

A fidelidade faz com que o Filho(a) queira identificar-se com o Plano Divino. Este anseio o leva a emitir o voto de obediência. Este voto é um ato de amor e de união.

A alma conta com seu esforço e com sua vontade. No entanto, também precisa abandonar-se na Divina Mãe. Seu esforço e sua vontade fazem-na caminhar; o abandono na Divina Mãe mostra-lhe a senda a percorrer. Quando a alma se entrega à Divina Mãe, encontra o guia que necessita para alcançar a perseverança final.

A obediência imposta é um cativeiro. Mas a obediência que nasce da consciência de estar unido ao universo é amor, fonte de compreensão e de felicidade. A obediência imposta é lenta, pesada, difícil. A obediência que nasce da fidelidade e da compreensão é pronta, sincera, sem reservas.

O voto de renúncia confirma a oferenda que o Filho(a) viveu desde o começo da Senda. Ao conhecer os tesouros do amor, a alma busca afastar tudo o que a distrai dele. Não quer que nada nem ninguém o afaste de seu bem.

A Renúncia abarca a vida inteira. O Filho(a), por etapas, aprende a não fazer distinção entre o que gosta e o que não gosta; a compartilhar o que tem; a querer a todos igualmente; a amar seus familiares e amigos com os laços da amizade espiritual e a pôr sua vida a serviço da Grande Obra.

Os votos acompanham, guiam e sustentam o Filho(a) desde o princípio até o fim da senda.

OBEDIÊNCIA À LEI

Sexta Ensino

Os Filhos(as) de Cafh observam as leis e normas do país em que vivem ou em que se encontram temporariamente.

Algumas pessoas pensam que se deve obedecer ao próprio parecer e acatar as leis justas, e ignorar as que não o são. Mas aplicar este critério gera violência e caos, pois significa atuar segundo o próprio parecer. Subjuga-se o direito dos outros, o que, por sua vez, atrai violência sobre si mesmo.

A obediência às leis é a base de toda sociedade organizada.

Sem lei não há organização; sem organização não há sociedade. E sem obediência à lei não há paz nem estabilidade.

Os grandes Mestres da humanidade criaram leis que representaram um imenso avanço sobre o nível social e moral dos povos, e abriram novos campos de possibilidades para o adiantamento espiritual das coletividades e dos indivíduos. Manu as expôs no primeiro código legal que se conhece; Buda as assinalou no Caminho Óctuplo; Moisés as escreveu nos Mandamentos; Jesus pregou a "Norma de Ouro": "Tratai os homens como quereis que eles vos tratem".

Há uma lei implícita que rege a vida humana e que se faz evidente na relação entre as ações e suas consequências. Poder-se-ia dizer que os efeitos das ações são seus ecos: o amor se multiplica em amor; a violência, em violência. Esta sequência nem sempre é clara quando se observam somente os resultados imediatos de algumas ações, mas sempre se faz evidente quando se observam as consequências a longo prazo.

Tanto as ações como as omissões têm efeitos correlativos. O mal que uma pessoa faz, cedo ou tarde, volta-se contra ela. Quem trata mal os outros, perde seus amigos e não tem a quem recorrer. Quando alguém não responde com amor às necessidades de sua família, acaba sem lar. Quem trata mal seus filhos, transforma-os em adversários. Os que promovem a miséria dos outros, bem depressa a ouvem chamar à sua porta. Aquele que incita à violência termina vivendo num caos. O oportunista que transgredir qualquer regra para conseguir benefícios imediatos caminha para seu próprio infortúnio. Os governantes irresponsáveis geram sua própria decadência e a de seu povo. Quando se semeia a ignorância, colhem-se as ruínas de uma cultura. Em troca, o amor que se dá, retorna como bem-estar e sossego; quem ajuda os outros em momentos difíceis tem uma mão à qual se segurar quando a necessite; quem educa seus filhos com amor e equilíbrio ganha companheiros de caminho; quando se promove o conhecimento, florescem as possibilidades, aumenta a liberdade e a civilização avança; quando se oferece a vida para o bem de todos, ilumina-se o caminho das almas rumo à sua liberação interior.

As leis civis – quando se aperfeiçoam através do tempo para dar resposta às cambiantes necessidades sociais e individuais – tratam de expressar, com maior ou menor fidelidade, esta lei da vida.

A sociedade alcançou um desenvolvimento que lhe permite aperfeiçoar a si mesma através de suas próprias leis e instituições. A conquista das sociedades democráticas é aperfeiçoar a lei, atuando dentro da lei.

A comunicação rápida, a instrução para todos e o adiantamento do conhecimento estão desenvolvendo o sentido de responsabilidade social e a consciência da influência que cada um tem nas decisões de seus governos. Já não se espera que as soluções para os problemas sociais apareçam quando o destino colocar iluminados à frente dos povos, mas sabe-se que cada um tem poder suficiente para melhorar o sistema social em que vive – se assumir sua responsabilidade, usar bem seu discernimento e exercer seus direitos apropriadamente.

A conduta individual pode produzir mudanças sociais importantes, tanto para bem como para mal.

A maneira de atuar do Filho(a) é sua ensinança explícita. A vida do Filho(a), como a de cada pessoa, gera um modelo. O bom exemplo do Filho(a) propaga-se em seu meio e expande-se em toda a sociedade.

O que cada pessoa faz é sua mensagem do que deve ser feito. Quando não faz o que se supõe que teria que fazer – a respeito da lei vigente, de suas responsabilidades no trabalho, de sua maneira de se conduzir na rua e na estrada, de se comportar nas diferentes situações – está ensinando que está certo proceder de maneira contrária à lei ou às normas de conduta vigentes. Este tipo de exemplo degrada a ordem social e contribui para o caos e a anarquia.

Se a pessoa não se expressa – cala ou olha para outro lado – quando alguém viola a lei, está dizendo que concorda com essa maneira de agir. Isto não quer dizer que a pessoa responsável force a conduta de outros, critique ou discuta com eles, mas que dê a conhecer seu critério com mansidão e clareza a quem corresponda e no momento oportuno.

O fato de que um ou muitos não cumpram uma lei não é desculpa para que o Filho(a) não o faça. Pelo contrário, ainda que ele seja o único que a acate, deve proceder sempre de acordo com a lei e as normas e não segundo as conveniências. O Filho(a) sempre faz o que sabe que deve ser feito, ainda que esteja sozinho e que ninguém possa inteirar-se de sua conduta.

Especialmente, o Filho(a) nunca procede contrariamente à lei para obter benefícios.

No caso de que uma lei seja evidentemente injusta, a maneira de mudá-la é desenvolvendo a consciência das pessoas através da educação, da solidariedade e do próprio exemplo. Numa situação extrema de injustiça, cabe lembrar o exemplo de Gandhi: uma ação não violenta que, se exigisse algum sacrifício, seria o próprio e nunca o de outros.

O FILHO(A) FRENTE ÀS RELIGIÕES

Sétima Ensinança

Através do Caminho da Renúncia, Cafh leva os Filhos(as) a participar com todos os seres humanos. O método de Cafh reflete esta Ensinança. Em consequência, as atitudes que separam ou põem os seres humanos uns contra os outros, tais como a crítica, a discriminação ou a perseguição religiosa, são alheias a Cafh.

Por esta razão, o Regulamento estabelece que os Filhos(as) respeitem a religião ou religiões que são professadas no país em que residem.

Dentro deste espírito, os Filhos(as) respeitam, não somente a religião do país em que vivem, mas todas as religiões. Ao mesmo tempo, têm muito clara a diferença entre respeitar uma religião e pertencer a uma organização religiosa; por isso, respeitam todas, mas não aderem a nenhuma.

Ao respeitar todas as religiões, o Filho(a) respeita a maneira de sentir e de pensar de todos os seres que orientam sua vida de acordo com suas convicções. Dessa maneira, também valida seu direito de viver de acordo com seu pensar e com seu sentir; se ele não respeitasse as crenças alheias, não poderia reivindicar respeito a seu direito à universalidade.

As revelações que deram origem às grandes religiões coincidem todas no mesmo ponto. Impulsionam os seres humanos a estabelecer uma relação com o divino e promovem seu desenvolvimento e o da sociedade através de princípios éticos baseados no amor, na fraternidade e na observância de normas. E, de uma ou de outra forma, ensinam o desapego e a abnegação como caminho para a união com o divino.

Em troca, as interpretações destas revelações que depois foram feitas, os dogmas que lhes foram agregados e as organizações de poder que se criaram, geraram a divisão, o rancor e a lutas de uns grupos contra outros. Quantos seres humanos foram mortos e pereceram em nome de seus deuses!

Se um Filho(a) sentisse a necessidade de professar os dogmas de sua tradição religiosa, de adotar outros ou de pertencer a organizações sectárias, significaria que não compreendeu a Ensinança de Cafh e que busca algo diferente da abertura para uma religião universal, que é o que Cafh pode lhe oferecer.

A relação dos Filhos(as) com o divino é direta e livre de sistemas dogmáticos. Ao dar seu primeiro voto em Cafh, o Filho(a) adota um Caminho de desenvolvimento que não lhe pede adesão a um dogma. O Filho(a) se une com o divino através do aprofundamento de seu estado de consciência, um processo completamente alheio ao encerramento dogmático.

À medida que o Filho(a) se desenvolve, compreende os fundamentos da universalidade e o valor relativo de sua tradição religiosa e se dirige para a realização do ideal subjacente em todo pensamento religioso: a união com o divino.

Ao dar à religião seu significado espiritual, os Filhos(as) entendem o papel de Cafh no advento da religião universal.

A religião universal surge espontaneamente quando se reconhece o que sempre esteve ao alcance do ser humano: dimensionar-se em relação a um universo que ultrapassa sua capacidade de perceber e de entender, reconhecer-se como um ponto em que convergem linhas de força dentro do mistério da vida. Este mistério não pode ser reduzido a uma série de afirmações sobre a natureza, o comportamento e as intenções de Deus, que se pretendem fazer imutáveis através da arbitrariedade do dogma, já que necessariamente tais afirmações mudam por estarem sujeitas ao devenir. A relação da alma com o divino é direta e se realiza no contínuo devenir. Qualquer tentativa de cristalização de ideias a desvirtua. Nada se pode interpor entre a alma e o divino.

Através do desenvolvimento dos Filhos(as), Cafh gera um estado de universalidade que se transmite a todos os seres humanos e, dessa maneira, faz com que a religião universal se faça realidade no mundo.

A FÉ

Oitava Ensinança

A fé é a base sobre a qual o Filho(a) se assenta para alcançar sua realização espiritual.

A predestinação põe diante da alma um ideal real, mas ainda desconhecido para ela. A alma o abraça às cegas e adere a ele através da fé.

Apoiado na fé, o Filho(a) penetra em seu interior e erige ali seu tabernáculo secreto, alimentado com seu amor e seu esforço. Os resultados desse esforço o confirmam cada vez mais em seu ideal; o que encontra através da fé, robustece sua fé. No entanto, esta é somente uma parte de seu trabalho espiritual. Para perseverar, o Filho(a) deve alcançar a fé pura e simples que se alimenta da oferenda de si mesmo e que não depende de resultados.

O Filho(a) que se compromete com sua vocação espiritual não se detém no ideal da fé. Precisa possuir a fé em si e, por isso, passa por experiências que provam sua fé.

Parece uma contradição que uma alma que se assenta na fé experimente escrúpulos e dúvidas sobre a fé; mas é parte do trabalho espiritual da alma que se oferece a passar de um estado de

conhecimento ideal da fé a um estado real de fé pura. Só através da aridez mais absoluta, o ideal se faz realidade na alma.

Muitas almas são duras em julgar os caídos e os renegados, mas não devem esquecer-se de que a prova da fé é tão grande que somente pode ser suportada pelos que são fortes, estão bem assentados na virtude e contam com boa direção espiritual.

No princípio, a alma sente-se tranquila e amparada trabalhando em seu interior para realizar seu ideal; mas quando o desconcerto e a dúvida destronam as crenças em que assentava sua segurança, o que lhe resta?

As crises espirituais geralmente se desencadeiam por fatos exteriores ou por problemas interiores que, apesar de não terem relação com a fé pura, põem a descoberto os fundamentos frágeis sobre os quais, às vezes, as almas, no começo de seu desenvolvimento, assentam sua vida espiritual. A decepção pela conduta de alguém a quem se havia idealizado pode generalizar-se e quebrar a fé no ser humano. O desejo de satisfazer impulsos opostos aos reclamos da própria vocação pode ser disfarçado como a perda de fé no ideal espiritual. A fé no poder de instituições ou em seres humanos que se proclamam iluminados costuma levar ao ceticismo. Abraçar o dogma de uma Igreja como a verdade pode levar à dor da separatividade. Crer cegamente numa interpretação da vida e do mundo que não admite análise nem atualização pode levar ao isolamento e à obsessão. Como poderão estas almas continuar tendo fé quando suas crenças se apresentarem tal como são, insubstanciais, geradoras de dor e de ignorância? Isto mostra que a fé que não se põe em Deus, mas nos valores temporais, é de pouca vida e, cedo ou tarde, deixa a alma a descoberto, desamparada. Diz-se então que a alma “perde” a fé.

A fé em verdades reveladas e em suas ideias derivadas é um apoio para o trabalho interior, mas não é a fé em si.

A fé pura se conquista na intimidade, quando a alma renuncia aos objetos de fé e se oferece incondicionalmente à Divina Mãe. Aparece quando o templo interior está vazio e tudo o que podia atrair a alma e lhe dar forças parece ter desaparecido. O Filho(a) sabe que o que cai com as provas não é sua fé, mas sua interpretação da fé e que esse é o momento de pôr os olhos na Divina Mãe e não afastá-los d’Ela. Apoia-se no sustento inabalável de seu amor de renúncia. Busca a fé pura; faz-se forte e aprende a conhecer a si mesmo. Essa é a sua segurança.

A fé está presente na alma, mesmo quando tudo muda e passa, porque o poder da divindade permanece puro através de sua renúncia. A fé se torna inabalável: intuição desconhecida, afirmação dos valores negativos, renúncia feita vida.

A alma não confunde seu poder de ação no mundo que conhece e quer dominar, com a fé pura, que a relaciona com o desconhecido e que lhe abre as portas da eternidade. Não encobre sua vulnerabilidade frente ao divino insondável com sua capacidade relativa de conhecer e de fazer.

Quem ou o que poderá alterar a fé da alma se ela renuncia? Mesmo que desapareçam todos os credos, terminem todas as escolas, morram todos os mestres, sua fé se manterá inabalável.

O Filho(a), pela renúncia, possui a fé em si: o poder do divino em sua alma. Esta fé é a força da alma consagrada.

COMUNICAÇÃO ENTRE O DELEGADO(A) E O FILHO(A)

Nona Ensino

Para que o Delegado(a) possa ajudar o Filho(a) a desenvolver um verdadeiro trabalho espiritual, deve conhecê-lo e avaliar suas aspirações. O Delegado(a) evita ao extremo forçar a intimidade da alma; aproxima-se do Filho(a) convertendo-se num companheiro espiritual que guia e sustenta sem

se fazer notar. Quando o Filho(a) sente seu Delegado(a) dessa maneira, abre-se espontaneamente à direção espiritual.

O Delegado(a) começa a conhecer a intimidade da alma, conhecendo sua vida. É preciso deixar que a conversação do Filho(a) seja espontânea e livre para que sua alma se abra pouco a pouco.

A formação familiar do Filho(a) é de suma importância para o desenvolvimento de suas características pessoais. A condição social do meio familiar, as relações no seio da família entre pais e irmãos, são pautas que ajudam o Delegado(a) a compreender e a guiar o Filho(a).

Mesmo que os extremos não sejam as situações mais comuns, é bom assinalá-los, pois ajudam a analisar as diferentes dinâmicas familiares.

O Delegado(a) se encontra diante de diferentes casos; por exemplo, o Filho(a) centro de atenção ou o Filho(a) rejeitado. Estas atitudes dos pais causam nas crianças respostas complexas que costumam agravar-se com os anos e, às vezes, chegam a ter consequências alarmantes.

A superproteção e uma vida demasiadamente fácil geralmente produzem nas crianças uma falsa segurança que as impulsiona para a vaidade e a soberba, o que pode gerar passividade por temor ao fracasso. Em troca, os filhos rejeitados e incompreendidos costumam desenvolver sentimentos de inferioridade e de incapacidade que os fazem tímidos, esquivos, desconfiados e mesmo incapazes de dar e de receber carinho.

Nota-se uma maior tendência para o desenvolvimento de personalidades harmônicas naqueles que, quando crianças, não foram nem superprotegidos nem açoitados pelo destino. O amor, a orientação firme e consistente na infância geram pessoas com fortaleza, integridade e discernimento.

O comportamento escolar do Filho(a) também é de suma importância. O ambiente competitivo de muitas famílias e colégios, unido à falta de discernimento de como ajudar a formar o caráter da criança, leva aos estereótipos do “aluno que se sobressai” e do “aluno que não aprende”.

No primeiro caso, fomenta-se na criança a ideia de que é superior aos outros e o desejo da boa nota; isto a leva a não poder prescindir do triunfo contínuo. É assim que muitas dessas crianças, quando chegam à adolescência e enfrentam os estudos superiores, ao menor contratempo desmoronam emocionalmente e se inibem, pois lhes falta a força necessária para superar situações adversas ou de desafio.

No segundo caso, a criança que tem dificuldades no estudo tende a desenvolver um complexo de inferioridade pelas críticas imprudentes de seus pais ou professores que a comparam desfavoravelmente com outras crianças ou porque, em vez de assisti-la na aprendizagem, culpam-na por não ter boas notas. Se isto acontece, a criança entra num estado de incapacidade que não lhe permite desenvolver suas faculdades. A criança perde a confiança em si mesma e sua apatia fecha o círculo de uma situação na qual causa e efeito se reforçam e se explicam mutuamente.

Estas experiências, tanto a da criança brilhante como a da criança lenta na aprendizagem, pela imprudência e ignorância dos adultos no que se refere à educação, deixam marcas que se carregam por toda a vida.

O Delegado(a) deve conhecer também a formação social e moral do Filho(a). No caso em que tenha tido que enfrentar situações de violência, de desonestidade ou de materialidade crua, é necessário assisti-lo para que resgate de seu interior seu ideal mais nobre. Assim também quando tiver crescido, como acontece nesta época, influenciado pela exagerada importância que se dá ao hedonismo e à atividade sexual prematura com o único fim de conseguir sensações, o Delegado(a) tem diante de si a difícil tarefa de infundir na alma os valores de um ser humano íntegro: amor, uso sábio da energia, respeito pela saúde do corpo e da alma.

Todas estas situações e experiências configuram a personalidade com a qual o Filho(a) ingressa em Cafh. O Delegado(a), suavemente, facilita a tarefa do Filho(a) de fazer surgir sua realidade

interior e de reconhecê-la, até que, com a força gerada por seu desenvolvimento, possa compreender, aceitar e transcender estados que o mantêm presa de seu passado.

O Delegado(a) ensina o Exame Retrospectivo assim que o Filho(a) ingressa. Este hábito de reconhecer-se a si mesmo em seu atuar, pensar e sentir, sem julgamento condenatório e sem vaidade, é de grande ajuda para conhecer as próprias características e a origem de muitos problemas. Está na própria conduta a chave que abre o bloqueio de frustrações e conflitos que pareceriam impossíveis de superar.

O Delegado(a), através da direção espiritual, ajuda o Filho(a) a compreender que sua vocação o leva a conhecer a si mesmo e a descobrir o amor da Divina Mãe. Nada nem ninguém pode feri-lo, nem criticar, nem menosprezar. Pelo contrário, ao aceitar-se tal como é, ao não ter medo de se ver da mesma maneira que a Divina Mãe o vê, aceita sua vulnerabilidade e rompe o círculo de seu passado, pois, ao compreendê-lo, transforma-o em Ensino.

Passado, presente e futuro se fazem presente contínuo quando a alma se entrega à Divina Mãe e se dispõe a conhecer sua verdadeira identidade.

O DELEGADO(A) – GUIA DA ALMA

Décima Ensino

Os Filhos(as) que ingressam em Cafh, sobretudo se são jovens que ainda têm que definir sua vida, nem sempre compreendem sua vocação em toda a sua profundidade e grandeza.

A grande responsabilidade do Delegado(a) é observar o Filho(a) que empreende o caminho espiritual, para assisti-lo em seu discernimento a respeito de sua vocação.

Os jovens sentem-se chamados a mudar o mundo. Estes estados, muitas vezes de grande rebeldia, são próprios do processo de amadurecimento do adolescente. Em ambientes extremamente permissivos ou repressivos, a rebeldia pode transformar-se em transgressão. Na maioria dos casos, esta atitude se dilui com o tempo e geralmente o rebelde se transforma no conformista. A pena é que por trás da rebeldia e da transgressão estão o idealismo, os sentimentos nobres e a criatividade da nova geração, que se desvirtuam por não estarem bem orientados. Por isso, é tão importante não reagir negativamente contra os adolescentes. É necessário escutá-los, valorizar suas ideias e pontos de vista e guiá-los para a realização de seus ideais.

A vocação espiritual aparece dentro do torvelinho da vida do jovem. O Delegado(a) sagaz identifica e resgata esta vocação para que a alma a alimente e a viva em toda a sua plenitude.

Somente em alguns casos extraordinários a vocação se revela de repente. Normalmente, o chamado vocacional se manifesta de forma paulatina e silenciosa; pode-se descrevê-lo como o nascimento da consciência de ser. Para fins explicativos, será dividido em três chamados.

O primeiro chamado é o reconhecimento da própria individualidade.

O jovem conhece seu nome e sobrenome; conhece o lugar onde vive; conhece o mundo através do estudo, dos meios de informação, das viagens; mas sua inteligência começa a lhe dizer que na verdade não sabe o que é o mundo nem mesmo quem ele é.

Estas perguntas expressam a necessidade imperiosa da alma de conhecer sua identidade e de aprofundar-se no sentido da vida.

Quando essa necessidade se aguça ou se torna uma crise, produz o choque do adolescente com a família, com os padrões de conduta que lhe são impostos, com a sociedade a que pertence. É uma força que brota no jovem e que o impele à rebeldia, como meio para alcançar sua independência.

Esta rebeldia incompreendida pelos mais velhos, esta luta da energia dos jovens com a atitude endurecida dos já formados, muitas vezes mascara um aspecto vocacional. Algumas vezes, brota através da adesão do Filho(a) rebelde a uma ideia ou a uma corrente nova e malvista pelos adultos conservadores. Outras vezes, esta vocação juvenil não é um ideal, mas um simples gosto por gastar energias. O baile, as diversões, os passeios, os esportes e até as brincadeiras expressam a necessidade do jovem de sentir-se vivo, de sentir quem é.

A rebeldia vocacional nos jovens os identifica com o que eles acreditam ser seu ideal. O adulto que atua com inteligência não tenta modificar radicalmente esse estado de alma, senão que a escuta, valida suas ideias e emoções, e a orienta aos poucos para o silêncio, para a atenção. Sobretudo, guia o adolescente espelhando em sua própria alma o que todo ser humano busca: a paz, a felicidade de ser quem se é.

Depois, através do diálogo, da reflexão, do compartilhar inquietudes, procura orientar a alma em direção a seu interior para que seja em seu próprio centro que ela derrame sua expansão, como centro de sua conquista de si mesma, e não como seguidora dos outros.

É então que aparece o segundo chamado vocacional, o chamado ao silêncio e à felicidade.

A alma, livre das travas de sua personalidade adolescente e confusa, aprende a se conhecer e sente que nasce para uma nova vida. Tem a plenitude da vida em suas mãos, tem a mente tranquila e o coração sossegado, sente o que é, sabe o que quer chegar a ser e sente que pode realizá-lo.

É um chamado íntimo a ser, um desejo de criação: criar um entorno e conseguir uma experiência íntima para alcançar a felicidade.

O Delegado(a) guia estes Filhos(as) com mão firme e amorosa para que saibam distinguir, entre as fantasias, a realidade de seu ideal de realização integral.

O Filho(a) depois poderá experimentar triunfos e fracassos, mas este chamado vocacional será sempre para ele como um estandarte. Mesmo se aparentemente colhesse mais fracassos do que triunfo, valer-se-á de seus fracassos para tornar a levantar-se e seguir no caminho da busca da verdade.

Quando o Filho(a) sabe o que quer e o que sua vida vale, chega a seu coração o terceiro chamado vocacional, o chamado à liberação.

O Delegado(a) espera atentamente o momento em que a alma se encontra face a face com sua verdade. Precipitar este estado no Filho(a) ou retardá-lo seria igualmente daninho.

O terceiro chamado vocacional se manifesta quando a alma se reconhece e avalia suas possibilidades; discerne o transitório do permanente, renuncia a viver para si mesma e começa a realizar e transmitir a Mensagem da Renúncia. Sua vida é serviço, participação, renúncia; isto é, liberação.

A necessidade íntima de fazer da vida uma verdade que alimente e expanda não somente a própria vida, mas a todos e a tudo, é a necessidade primeira e mais excelente que tanto o Delegado(a) como o Filho(a) trabalham para satisfazer. Queira a Divina Mãe assisti-los nesta tarefa, para que a aspiração mais sublime que um ser humano possa ter não se perca num sonho de irrealidade, mas que seja alimento espiritual para o mundo.

O Delegado(a) vigia este estado interior no Filho(a) e em sua própria alma. Que ele tenha sempre presente seu voto de renúncia, porque sua fidelidade a este voto é prenda segura de que poderá inspirar as almas para que elas também tenham sempre presente sua vocação de renúncia.

O DELEGADO(A) COMO DIRETOR ESPIRITUAL

Décima Primeira Ensino

Quando os Filhos(as) começam o caminho espiritual tomam seu Delegado(a) como Diretor Espiritual, a menos que se lhe indique outro Diretor Espiritual.

A missão extraordinária dos Delegados(as) é orientar os Filhos(as) para que, apesar das dificuldades que possam encontrar, alcancem a realização de sua vocação de renúncia.

Desde o início, o Delegado(a) ensina o Filho(a) a compreender o alcance que o Regulamento tem em sua vida. A Direção Espiritual revela, passo a passo, o espírito do Regulamento, porque conecta a letra do Regulamento com as circunstâncias diárias que o Filho(a) vive e com suas características pessoais. Quando o Filho(a) se compenetra do espírito do Regulamento vive na presença da Divina Mãe, não num sentido ideal, mas real e concreto. Isto se evidencia em seu discernimento certo, em suas ações retas e no amor com que assume todas as vicissitudes da vida.

O Delegado(a) orienta o Filho(a) para que arraigue no presente os ideais de um futuro melhor, pois o futuro se determina através da maneira como se vive o presente.

A Ensino de Cafh é vida e, como tal, somente pode ser vivida. O Delegado(a) ensina que os ideais, os conceitos altruístas, as reflexões, os conselhos que se projetam para um amanhã esperando que as condições exteriores permitam vivê-los, não se tornam realidade. É indispensável assumir hoje, tal como se é hoje, o compromisso de viver o que se sabe e se compreende hoje. Assim se constrói um futuro melhor para si mesmo e para o mundo.

Por outro lado, o Delegado(a) sabe que a Direção espiritual que ele dá, resulta em bons frutos quando ele é flexível, está disposto a aprender com os Filhos(as) e quando assume o compromisso de aplicar em sua vida o Regulamento, o Método e a Ensino. Com este intuito, o Delegado(a) busca a direção espiritual de seu Delegado(a) e faz de sua relação com o Cavaleiro(Dama) Grande Mestre uma união de intenção e de amor.

O Delegado(a) é um observador atento. Escuta o Filho(a) com a maior abertura e permite que ele se expresse com liberdade. Através das palavras do Filho(a) descobre que conselho lhe dar. Dar ao Filho(a) a oportunidade de falar é aliviá-lo de seus males e preocupações.

O Delegado(a) observa a saúde do Filho(a) que lhe é confiado e procura que este harmonize a vida física com a intelectual e a espiritual. Se o Filho(a) fala sobre sua família e sobre as enfermidades de seus parentes, o Delegado(a) poderá ter uma ideia das doenças hereditárias que o Filho(a) poderia padecer e assim ajudá-lo a preveni-las.

Para que a alma se una à Divina Mãe, o corpo, que é o templo do espírito, também deverá transformar-se. O corpo não é o inimigo do espírito; pelo contrário, quando é bem dirigido, é um fator que ajuda e estimula a transmutação espiritual. No entanto, nos dias de hoje, dá-se mais importância à satisfação dos sentidos e à beleza do corpo do que à saúde. Mesmo quando se trata de cultivar os músculos, muitas vezes se o faz em detrimento do bem-estar do corpo.

Os defeitos que algumas almas se atribuem, a impossibilidade que manifestam para praticar a ascética, podem ser devidos à falta de conhecimento de como manejar a saúde física.

O Delegado(a) está atento às enfermidades crônicas e orienta os Filhos(as) que as padecem para que aceitem sua realidade com paciência e com paz interior. Estas enfermidades, quando são suportadas com amor, estimulam o desenvolvimento da alma e favorecem a virtude. As enfermidades dos Filhos(as), se não são graves, não são impedimento para que eles perseverem no caminho espiritual.

A deficiência e as enfermidades muito graves devem ser consideradas e analisadas com muita atenção. Se algum Filho(a) padecer de uma enfermidade contagiosa, o Delegado(a) tomará os cuidados

necessários para ajudá-lo a curar-se e também para proteger a saúde dos demais Filhos(as). Se for recomendável, solicitará a dispensa das obrigações regulamentares para o Filho(a) enfermo.

O Diretor Espiritual deverá conhecer não somente os problemas físicos dos Filhos(as), como também as dificuldades de origem mental. Assim como assiste o Filho(a) para que cure ou trate as enfermidades orgânicas, também o ensina a prevenir ou curar as enfermidades mentais, tão comuns nos dias de hoje.

A prevenção é a ferramenta mais poderosa que o ser humano tem para conservar sua saúde.

Existe muitíssima ignorância a respeito dos requisitos da saúde mental; grande parte dos problemas começa no desconhecimento da necessidade de responsabilidade no matrimônio e na procriação.

Quando um casal decide ter filhos nem sempre é consciente da imensa responsabilidade que isto implica. O filho(a) que vai nascer precisa de um ambiente propício para a saúde do corpo e da alma. Fumar, o abuso do álcool e da comida ou a alimentação deficiente, o uso indiscriminado de psicofármacos, os horários irregulares, a conduta sexual promíscua, são alguns dos grandes males que afetam a saúde física e mental, tanto dos filhos que são gestados como de toda a humanidade, e isto sem falar dos grandes problemas sociais da fome, da falta de água potável, de atenção médica, de educação, que tanto se relacionam com a cobiça, o egoísmo e a ignorância.

O matrimônio é uma instituição que, para cumprir sua missão, deve basear-se no respeito mútuo e na valorização do desenvolvimento espiritual de cada um de seus membros. Quando a sexualidade do matrimônio não é harmonizada dentro de um contexto de companheirismo, amizade e assistência mútua, centra-se nos pares de opostos da atração e da repulsão, e é fonte de desavenças e de antagonismo.

A instituição do matrimônio tem uma finalidade individual, outra de casal e uma terceira finalidade, social. As três finalidades podem ser harmônicas entre si ou podem entrar em grave conflito. Tudo depende do enfoque e do grau de renúncia dos membros do casal.

A finalidade individual é que cada um dos membros do casal se complete e alcance sua maturidade.

A finalidade do casal é a união física e espiritual de ambos numa relação de amor e respeito.

A finalidade social é criar no lar um centro de valores morais e espirituais, de atração e proteção para a própria família e para os outros, seja no caso de que o casal tenha filhos próprios ou que dedique para obras de bem sua capacidade de amar e de trabalhar. Isto tornará possível que o ideal de um mundo melhor se faça realidade.

Qualquer parcialização ou tergiversação destas três funções cria problemas em nível individual, de casal e social. Isto gera dor e enfermidade.

Se o casamento aviva as paixões sexuais em vez de aprofundar a paz individual e o respeito mútuo, é improvável que as baixas paixões que assim se geram, proporcionem um lar equilibrado para o bem-estar dos futuros filhos.

As paixões sexuais são transmitidas inconscientemente aos filhos e suas influências ficam ali sedimentando nos anos da adolescência, podendo, no futuro, transformar-se em complexos e em problemas de personalidade.

Aqueles que sempre têm melancolia e vivem centrados em si mesmos necessitam um desabafo sentimental e pouca energia lhes resta para o cumprimento de sua vocação. Que os Delegados sejam pacientes com estes Filhos(as), mas cuidem para não fomentar a debilidade.

Que os Delegados tenham o cuidado de não se fazerem eco das ideias fixas e persistentes de alguns Filhos(as). Quando estes dizem repetidamente que não podem trabalhar, que não podem

estudar, ou que estão inibidos para realizar certos atos, sejam parcos em escutar e os guiem para que se sobreponham a essa atitude.

Decerto que o Delegado(a) não realiza num único dia este processo de observação. O conhecimento do Filho(a) é fruto de uma análise de anos, efetuada com objetividade e amor.

A vida espiritual se assenta sobre a saúde mental, e esta sobre a física. O Delegado(a) atende à harmonia do corpo e da alma dos Filhos(as) para que a vocação floresça neles em toda a sua plenitude. A análise e a orientação amorosa do Delegado(a) pode fazer com que todas as almas sejam aptas para a vida espiritual.

Quando os Filhos(as) têm um Diretor Espiritual que não é o Delegado(a) da Távola, o Diretor Espiritual manterá o Delegado(a) informado de tudo o que este deveria conhecer para poder orientar esses Filhos(as) para sua realização espiritual.

O TRABALHO DO ORADOR(A)

Décima Segunda Ensino

O trabalho do Orador é de grande importância na formação dos Filhos(as). Por isso, estuda a doutrina de Cafh e alicerça seu conhecimento numa vida dedicada ao desenvolvimento espiritual.

O desenvolvimento espiritual dá como fruto um estado de participação com tudo o que existe: por isso se diz que a alma desaparece como uma personalidade separada e oposta. Este ideal de união move o Orador(a) a desaparecer espiritualmente e assim poder refletir a Ensino de Cafh.

O Orador(a) transmite aos Filhos(as) a Ensino de Cafh; é muito cuidadoso em não verter conceitos que confundam a Ensino com outras concepções que podem ser semelhantes em alguns aspectos, mas que não são a Ensino de Cafh.

O Orador(a) respeita as crenças dos Filhos(as), pois reconhece nelas – como em suas próprias crenças – o resultado de uma formação cultural, social e racial. De sua parte, evita encerrar as almas em concepções dogmáticas, dando a Ensino em toda a sua amplitude e universalidade. Quando o Filho(a) compreende a Ensino de Cafh, vai deixando de apoiar-se em interpretações estáticas e rígidas, e começa a descobrir a liberdade interior.

O Orador(a), através de seu próprio desenvolvimento espiritual, adquire uma sensibilidade que lhe permite conhecer as almas por similitude, sem necessidade de recorrer nem a confidências, nem a conversações pessoais ou particulares; no entanto, nunca muda o tema de ensino estabelecido para cada reunião para responder ao que ele acredita ser uma necessidade do momento, particular de um Filho(a) ou do grupo. Ele trabalha estreitamente unido com o Delegado(a) e o informa sobre as atitudes, as tendências de caráter extremas, as dificuldades nas relações, as inclinações pessoais que percebe nas reuniões, pois somente o Delegado(a) dá direção espiritual aos Filhos(as). O Orador(a) informa o Delegado(a) sobre fatos e não faz apreciações sem fundamento a respeito dos Filhos(as).

O Orador(a) recorda que sua palavra deve ser como a Voz dos Mestres, que guia sem se fazer notar. Por isso, esforça-se para ser só um canal pelo qual se verte a Ensino, para estimular o conhecimento e o desenvolvimento integral dos Filhos(as).

O Orador(a) expressa fielmente a doutrina de Cafh. Para isso, estuda, medita e prepara conscienciosamente a Ensino que explica na meia hora de exposição. Sua apresentação é logicamente articulada; os exemplos são claros e aumentam os conhecimentos dos Filhos(as). Em sua exposição, e também ao longo de toda a reunião, evita situações de polêmica, posições ideológicas e opiniões pessoais.

Quando o Orador(a) explica um conceito da Ensinança, sustenta-o com fundamentos evidentes. Se expuser uma ideia que não se apoia em evidências, explica-a como ponto de vista de Cafh. Se acontecesse que um Filho(a) expressasse desacordo com a Ensinança (que o Orador(a) esteja certo de que se trata de um conceito da Ensinança e não de algo que ele disse como opinião), lembre-lhe que o Regulamento não exige que se acredite na Ensinança, mas que se a estude. A argumentação e a crítica não são mais do que perda de tempo.

O Orador(a) é firme e claro sobre os conceitos das Ensinanças e não os acomoda aos desejos e opiniões dos que o escutam. Usa sua autoridade para fazer prevalecer a Ensinança, mas nunca, jamais, para fazer com que os outros concordem com sua opinião ou ponto de vista particular. Este é um aspecto básico da formação do Orador(a).

Se algum Filho(a) estiver em desacordo com uma posição ou opinião do Orador(a), este é equânime, aceita as opiniões dos outros e, ao não discutir para fazer prevalecer seu ponto de vista, dá a Ensinança de Cafh em toda a sua pureza.

O Orador(a) nunca fala de si mesmo nem se coloca como exemplo. No estreito contato que mantém com os Filho(as), mostra sua compreensão, sua discricão e os resultados de seu trabalho espiritual. A mensagem que transmite com sua vida revela aos Filhos(as) o alcance que a realização da renúncia pode ter em suas vidas; isto basta como exemplo e previne o Orador(a) de cair na petulância, no autoelogio ou na autocrítica.

O Orador(a), com sua eloquência, alimenta a vocação dos Filhos(as); transforma-se na chispa que mantém aceso o ideal mais puro do ser humano.

O Orador(a) se oferece sem esperar nada em troca; expõe a Ensinança sem especular qual será o fim de cada alma; põe em cada palavra o infinito caudal de amor com que a Divina Mãe nutre seu coração.

Recorde o Orador(a) que “a palavra move, o exemplo conduz, mas só o dar-se transforma”.

EXPOSIÇÃO DA ENSINANÇA

Décima Terceira Ensinança

Os Oradores(as) têm a missão de transmitir a Ensinança em toda a sua pureza e fidelidade para que o Filho(a) desenvolva sua força moral e conceitual. Que os Oradores(as) não subestimem a influência da Ensinança sobre a vida dos Filhos(as) e sua responsabilidade diante de sua tarefa de transmiti-la.

O Orador(a) induz os Filhos(as) a serem fiéis aos conceitos fundamentais de Cafh e é rigoroso na transmissão dos mesmos. A Ensinança de Cafh é o ponto de apoio para que os Filhos(as) se desenvolvam espiritualmente.

O Orador(a) é um pensador, um místico e um asceta. Ou seja, estuda, vive a Ensinança e pratica o método. O aspecto mais importante de sua formação é sua vivência do Caminho da Renúncia.

O Orador(a) conhece os postulados de Cafh, pois estes o ajudam a compreender a amplitude do caminho espiritual. Conhece os princípios de Cafh, já que os Filhos(as) baseiam suas vidas neles para alcançar um desenvolvimento harmônico. Conhece o método, pois dá os meios para conseguir a expansão da consciência. Conhece a doutrina e não a confunde com os conceitos de outras religiões ou filosofias; transmite aos Filhos(as) ideias claras na exposição da Ensinança.

O Orador(a) conhece o vocabulário da Ensinança e domina o sentido que Cafh dá a termos tais como Deus, Ideia Mãe, Renúncia, Egoência, Graça, Livre Arbítrio, Liberdade, Economia Providencial, Reversibilidade, Responsabilidade, Presença, Participação, A Grande Corrente, Ired, o Devenir.

O Orador(a) define os conceitos da Ensinança de Cafh repetidamente, para que se imprimam na memória do Filho(a). Sabe identificar nas Ensinanças as ideias fundamentais e lhes dá a importância e o realce necessários para que os Filhos(as) também as identifiquem.

O Orador(a) tem sempre à mão exemplos gráficos para ilustrar a Ensinança e também informação sólida para sustentar os conceitos que expõe; usa métodos renovados e técnicas apropriadas para fazer da exposição da Ensinança um momento esperado pelos Filhos(as). Quanto às ideias secundárias e derivadas, transmite-as utilizando modos e recursos adaptados às necessidades e aos interesses dos Filhos(as) e revisados de acordo com o avanço do conhecimento.

O Orador(a) não se repete; sua exposição responde ao tempo e à circunstância. Cuida especialmente de usar uma linguagem adequada aos que o escutam. Evita a terminologia sofisticada ou tão especializada que somente os que estudam determinadas disciplinas conhecem seu significado. O Orador(a) expõe com simplicidade e clareza.

O Orador(a) se apresenta para a Ensinança havendo-a estudado conscienciosamente e sabendo exatamente o que vai dizer e como vai dizê-lo. Não se deixa levar por sua facilidade para improvisar nem por uma inspiração instantânea. Que o Orador(a) não imagine que os Mestres lhe inspiram a Ensinança precisa e unicamente no momento em que tem que transmiti-la; pensar assim o induziria a transformar o momento de Ensinança num ritual mágico, em vez de consistir na transmissão de conhecimento. Os Mestres iluminam e guiam o Orador(a) que estuda e raciocina, lê e recorda, compreende e pratica a Ensinança. Seja o Orador(a) precavido e não caia na tentação da magia, nem da improvisação movida pela emoção nem no palavreado insubstancial. A Ensinança de Cafh não excita a emoção, senão que apela à mente e ao sentimento de oferenda e amor desinteressado. O Orador(a) cuida especialmente de não se encerrar num círculo de ideias e opiniões que cristalizem a Ensinança.

O Orador(a) sabe que a riqueza de sua própria experiência dá força e convicção à sua exposição. Os apontamentos são seu ponto de apoio; o que estimula as almas e desperta nelas a necessidade de expandir sua consciência é a sua palavra viva, pois flui de seu desenvolvimento, de sua adesão à ideia da Renúncia, de sua fidelidade à Grande Obra.

O Orador(a) é entusiasta, flexível, direto e humilde. Uma exposição clara, organizada e dinâmica da Ensinança dada com o coração posto aos pés dos Santos Mestres, impulsiona os Filhos(as) a fazê-la efetiva em sua vida, a praticá-la e, assim, desenvolver-se.

Os Oradores(as) são pilares da Obra de Cafh no mundo. É por isso que sua tarefa deve ser abraçada com amor, responsabilidade e sentido de participação.

Os Filhos(as) precisam da Ensinança para alimentar seu trabalho espiritual, fortalecer-se interiormente e impregnar-se de conceitos espirituais. Que os Delegados(as) tenham o cuidado de não outorgar esse apostolado como recompensa a algum Filho(a) que queira ser promovido nem como estímulo àquele que demonstre debilidade.

OS BENS INTRÍNSECOS

Décima Quarta Ensinança

Os bens de Cafh são intrínsecos. Pertencem ao âmbito do desenvolvimento interior do ser humano.

Cafh não tem posses extrínsecas. Ao renunciar aos bens extrínsecos pelos bens intrínsecos, Cafh põe nas mãos dos Filhos(as) uma incalculável fortuna de bens que eles oferecem à humanidade.

Renunciar aos bens extrínsecos pelos bens intrínsecos é um deslocamento dos valores imediatos e estáticos para um campo dinâmico. Mesmo o comerciante sabe que o lucro verdadeiro de uma empresa não é tanto ganhar dinheiro como ganhar um cliente.

Os bens extrínsecos com que Cafh conta para seu desenvolvimento e o de suas obras são bens que os Filhos(as) usam e cuidam, mas que não lhes pertencem.

Os bens extrínsecos que as Obras de Cafh usam para seu funcionamento estão regidos pela lei de propriedade de cada lugar, mas, doutrinariamente, os Filhos(as) só administram esses bens com um sentido de usufruto, enquanto servirem para a relação entre Cafh e as almas. Uma vez que esses bens tenham cumprido sua função, pode acontecer que a Obra de Cafh não os use mais e os deixe nas condições estabelecidas pela hierarquia de Cafh e pela lei que os rege.

Se um Filho(a) não fosse consequente com este conceito e usasse os bens das obras de Cafh com um sentido pessoal e possessivo, sua atitude incidiria sobre o trabalho de Cafh. O Corpo Místico de Cafh vitaliza o Filho(a) e as obras, mas não dá ao Filho(a) a realização nem o êxito às obras. O Filho(a) alcança a realização com seu próprio esforço e o êxito das obras depende da dedicação, da inteligência e da atitude de renúncia com que os Filhos(as) responsáveis por elas as dirigem.

Conhece-se se as obras cumprem sua finalidade por seus resultados. As que mantêm puro o sentido não possessivo do uso dos bens têm um efeito benéfico e expansivo para o meio. As obras que são dirigidas com um sentido pessoal e possessivo têm resultados limitados e burocráticos, e até egoístas.

Cafh, ao ensinar a Economia Providencial, enfatiza a necessidade de alicerçar o esforço em valores intrínsecos. O resultado desta atitude é uma vida orientada para o alcance do bem-estar comum, a harmonia com o meio e o desenvolvimento da responsabilidade.

Viver a Economia Providencial no sentido social é ocupar apenas um lugar no mundo e no usufruto da riqueza, e não mais; é transformar a própria energia em força mental para o mundo e gerar, tanto com o que serve como com o que é desnecessário e o que sobra, bens necessários, reais, fonte de riqueza futura para si mesmo e para todos.

A causa da miséria do mundo não é o sistema de propriedade, mas o sentido de posse egoísta. Os bens que se possuem para aumentar a produção e distribuí-la de forma adequada no momento oportuno são fonte de riqueza para os seres humanos, enquanto que os bens que se acumulam por cobiça, por especulação e para usufruto desmedido são causa de miséria para o mundo. A Economia Providencial propõe ao mundo uma solução para os problemas econômicos e sociais, para a eliminação da pobreza, da infâmia e da mendicância. No entanto, esta doutrina não é para ser somente explicada, mas para ser vivida, pois esta solução é viável quando a ideia da Renúncia é a motivadora das ações dos indivíduos.

Quando o ser humano corre, cheio de ansiedade, para alcançar mais e mais posses, perde de vista sua verdadeira riqueza interior e seu fim último, a união com a Divina Mãe. Em troca, quando centraliza sua atenção nos valores intrínsecos ou essenciais, compreende que qualquer posse extrínseca é circunstancial, temporária. Ninguém pode ter a segurança de que poderá manter suas posses por toda a vida. Mais ainda, sabe que a morte se encarregará de despojá-lo dos bens pelos quais tem mais apreço. Os bens intrínsecos, fruto do trabalho realizado em si mesmo, enriquecem a vida de forma impecedoura.

O despertar da consciência expande a noção que o indivíduo tem de si mesmo e de sua relação com o meio. O resultado deste processo de autoconscientização é compreender que os recursos materiais são patrimônio da humanidade e saber discernir entre necessidades reais e necessidades sentidas. Satisfazer unicamente as necessidades reais é, como foi dito acima, ocupar apenas um lugar no mundo e não mais.

Os bens intrínsecos que Cafh ensina a gerar através do desenvolvimento dos Filhos(as), são inesgotáveis, porque pertencem à essência do ser. Estes bens imanentes são magnéticos, mentais, anímicos e espirituais e se expandem a toda a humanidade.

São bens magnéticos, pois a prática da Renúncia potencializa as forças do Filho(a), que se transforma num centro que irradia energia espiritual. Esta energia é fonte de bem-estar para a humanidade.

São bens mentais, porque através dos exercícios de meditação e de concentração, o Filho(a) exerce domínio sobre sua mente, estimula sua criatividade e potencializa seus pensamentos.

São bens anímicos, porque o Filho(a) se fortalece com a prática da Ascética da Renúncia e a Mística do Coração. Deixa de depender do vaivém emocional de seus estados de ânimo. Em lugar de necessitar do apoio dos outros, converte-se ele mesmo numa base sólida e confiável, com força interior suficiente para ajudar os outros.

São bens espirituais, porque todos os recursos necessários para alcançar o próprio desenvolvimento estão no próprio ser.

Com estes bens os Filhos(as) podem ajudar a humanidade de forma efetiva. Ao assentar-se em seus bens intrínsecos, o Filho(a) se converte num foco que irradia paz, harmonia, bem-estar e felicidade para os que o rodeiam e para toda a humanidade.

Os atributos que os Filhos(as) usam expressam o bem intrínseco do cumprimento dos votos. Se uma alma se afasta de Cafh ou não cumpre seus votos, tem que devolver os atributos e todo objeto ou escrito que pertença a Cafh, tal como o indica o Regulamento.

TEMPO DIMENSIONAL E TEMPO EXPANSIVO

Décima Quinta Ensino

O ser humano, incitado pelo tempo, não alcança plenitude interior. A própria ideia da passagem do tempo o oprime. Mesmo quando não se deixa dominar pela pressão diária da falta de tempo, teme sua velhice e, eventualmente, sua morte. O tempo dimensional, com o relógio como símbolo de sua inexorabilidade, corre para frente sem se deter nunca.

Quando se vive o tempo só em seu aspecto dimensional, a vida é começar e terminar, e a morte é uma ameaça sempre presente. Mesmo que se tenha alcançado felicidade, bem-estar, saúde e beleza, vive-se em busca de uma quimera que nunca se poderá alcançar: que essa situação de êxito se transforme num momento eterno. O certo é que tudo o que começa, termina; o que hoje se possui, será deixado.

Como vencer o tempo? Esta pergunta, feita de infinitas maneiras ao longo da história, ainda não tem resposta.

A vivência do tempo dimensional depende do grau de expansão da consciência do ser humano e de quão suscetível é aos altos e baixos de seus estados de ânimo. O tédio, o aborrecimento, aumentam a vivência subjetiva do tempo. A ansiedade, o afã, encurtam a percepção do tempo.

A relação que alguém estabelece com as próprias experiências também determina sua vivência do tempo. O tempo tiraniza quando se teme que ele tire o que se possui ou quando se o ignora, pretendendo que não existe. O tempo libera quando é usado como âmbito onde alguém se desenvolve. O tempo, como o espaço e as circunstâncias da vida, são os elementos com os quais o ser humano tem que produzir seu próprio desenvolvimento.

O Filho(a), ao renunciar, limita-se deliberadamente dentro do tempo; aceita-o.

O Filho(a) começa o Caminho da Renúncia com seus votos, com a Ensinança e com o cumprimento das normas do Regulamento. A primeira renúncia do Filho(a) é o voto que o limita dentro do Raio de Estabilidade de sua Távola e, especialmente, de sua alma. A primeira Ensinança que recebe é a de calar e manter-se expectante e atento para perceber a mensagem que a vida lhe oferece e que os Mestres lhe inspiram. A primeira norma que adota é o método de vida que o ata ao tempo. Este simples fato, de atar-se deliberadamente ao tempo, encerra o segredo da renúncia e abre a porta para a eternidade.

A renúncia libera o Filho(a) do tempo dimensional, intelectualmente. Ao compreender o ilusório da separatividade não se identifica com seus desejos, ilusões e paixões, que são os trilhos por onde correm a ansiedade, o fastio e o temor, os três aspectos que distorcem grandemente o tempo.

A renúncia libera o Filho(a) do tempo dimensional, sensivelmente. Quando alguém renuncia a centrar sua vida na satisfação de seus gostos e preferências, de seus preconceitos e seus vaivéns mentais, seus sentimentos e seus pensamentos se liberam da tirania do egoísmo e a alma encontra tempo para tudo o que é preciso fazer. Não se submete à tirania de suas necessidades particulares nem deforma a realidade no afã para satisfazê-las. Dessa maneira, os aspectos vegetativos, sensitivos e racionais de sua mente operam automaticamente, sem interferir em seu discernimento, em sua vontade e em suas decisões. Assim como as funções do corpo físico trabalham por si mesmas sem requerer maior atenção, assim também consegue que os movimentos emocionais e racionais não interfiram sobre a consciência de si mesmo, de sua individualidade.

A renúncia libera o Filho(a) do tempo dimensional, espiritualmente. O Filho(a) já não corre atrás do tempo, senão que o aceita e usa exaustivamente, sem desperdiçar um único segundo. Se bem que compreenda que a vida começa e termina, que os estados começam e acabam, sabe que não está perdendo algo. Não se identifica com o contínuo vida-morte, porque nem se aferra ao que tem nem teme o que virá. Para ele, a morte é o nascimento de uma nova possibilidade. Localiza sua experiência pessoal como um elemento mais dentro de uma realidade muito maior.

Aparentemente, nada muda na vida do Filho(a); ele conta com 24 horas por dia, como se não tivesse renunciado. No entanto, sua consciência do transcurso de uma hora, de um minuto, e mesmo de um segundo, expande-se a tal ponto que seu rendimento se multiplica.

Por que seres humanos como Gandhi, Schweitzer e tantos outros benfeitores da humanidade, desconhecidos ou admirados, encontram tempo para realizar obras gigantescas? Um dos segredos é a renúncia à vida pessoal.

Por sua atenção expectante e serena, em cada segundo o Filho(a) vive o eterno presente. Este não é para ele um conceito teórico, mas uma realidade que se concretiza em obras de bem e em paz para o mundo.

Quando o Filho(a) aceita o tempo e se limita deliberadamente nele, a intensidade com que vive cada segundo de sua vida faz com que o instante fugaz se transmute na hora eterna; que o tempo dimensional, limitado a uma experiência contingente, transforme-se no tempo expansivo, incomensurável, da individualidade egoente.

TRANSMISSÃO DA MENSAGEM DA RENÚNCIA

Décima Sexta Ensinança

O Filho(a) difunde as ideias de Cafh através de sua palavra, mas sabe muito bem que sua mensagem seria inútil sem o testemunho de sua própria renúncia.

A Mensagem da Renúncia se transmite através do silêncio, da fidelidade, da obediência e da renúncia do Filho(a), que são a essência de seu desenvolvimento.

Através do silêncio, pois calar e escutar permitem à alma conhecer a si mesma, aprender a perceber as necessidades dos demais e a responder com a ação necessária.

As crianças aprendem porque não têm ideias feitas acerca do que veem, do que experimentam e do que se lhes ensina. À medida que transcorrem os anos e se começa a usar o conhecimento que se acumulou para realçar sua autoimagem, vai se cristalizando uma postura. Quando chega à idade adulta, as ideias que se foram criando estão tão fixas que é difícil, senão impossível, ampliar o ponto de vista. Qualquer ideia nova é vista como uma ameaça ao “status quo”; a necessidade de estar certo substitui o desejo de saber.

Para manter esta posição inamovível, atamo-nos ao passado e repetimos em nossa mente nossa visão estática da vida, enquanto o mundo continua mudando, transformando-se. É por isso que nem todos os indivíduos que são contemporâneos cronologicamente vivem no mesmo mundo.

A prática do silêncio permite enfrentar cada situação com atitude receptiva. A vida vai se construindo sobre si mesma; assim como numa parede que se levanta, cada tijolo é único e não pode ser posto no mesmo lugar que outro já colocado, cada experiência se constrói sobre todas as anteriores; nem as substitui nem as repete. Só silenciando o passado que vem à mente e encobre o que se está vivendo, pode-se descobrir a mensagem de cada momento. O silêncio transforma o que parece a rotina do viver numa experiência renovada, numa aprendizagem contínua.

O mesmo acontece na relação com as almas. A maneira de se perceber a quem se tem diante de si é silenciando a si mesmo. Assim como em nossa relação com os demais desejamos que eles nos vejam tal como somos hoje, assim também cada alma tem o direito – e a necessidade – de ser vista como ela é no presente, sem que os preconceitos interfiram na relação. É bem sabido o prejuízo que os estereótipos e os preconceitos de raça, credo, condição social, educação e aspecto pessoal geram na relação entre os seres humanos.

O silêncio vence o preconceito e o egoísmo; permite conhecer a necessidade de cada um e da sociedade em geral, e assim dá as bases reais para responder em cada circunstância com a ação necessária.

A Mensagem da Renúncia é transmitida através da fidelidade, pois faz com que o Filho(a) ponha acima de todas as coisas sua vocação de holocausto e de serviço.

O serviço às almas requer perseverança até o final.

A essência da perseverança é a fidelidade, porque sendo fiel permanece-se no que se escolheu. É fundamental compreender este conceito, pois às vezes se confunde perseverar com manter uma fachada exterior de adesão, sem um compromisso interior.

Por exemplo, pode-se pensar que se persevera num trabalho porque se continua comparecendo à empresa que nos emprega. Mas se, enquanto se acredita trabalhar, repetem-se rotinas sem aplicar a própria capacidade no que se faz, na verdade não se persevera no trabalho, senão que se cumpre com um ritual de frequência. Outro exemplo é o casamento, onde perseverança significa compromisso em todos os níveis: físico, sentimental e espiritual. De outra maneira, seria um formalismo ou uma união de conveniência; e isso, em pouco tempo, desmorona. A fidelidade ao voto de união matrimonial é o que dá vida ao casal e à família.

No Caminho da Renúncia, a perseverança se expressa na fidelidade interior e exterior à vocação e ao compromisso de vida que implica realizá-la.

A Mensagem da Renúncia se transmite através da obediência, pois esta põe o Filho(a) em harmonia com o Plano Divino, integra sua força ao Poder da Grande Corrente e o faz participar do trabalho de assistência à humanidade.

No Universo tudo é interdependente e o ser humano está sujeito à mesma lei. O segredo da felicidade reside em harmonizar a vontade individual com a lei universal. O Filho(a), com a prática da obediência deliberada – que outorga conhecimento de si mesmo com a consequente liberdade e respeito da própria ignorância e egoísmo – ensina que o ser humano alcança a felicidade e a liberdade através da interdependência e da união.

A Mensagem da Renúncia se transmite através da renúncia, pois somente se pode transmitir o que se é. O Filho(a) é exemplo de vida.

As ideias adquirem realidade somente quando são aplicadas; até então, são somente uma possibilidade. Para que a Mensagem da Renúncia se concretize no mundo, tem que ser vivida; de outra maneira, seria somente um mais dos tantos sonhos irrealizáveis que desanimam as almas.

A obra dos Filhos(as) é viver o que anseiam ensinar; de sua experiência surge a força de sua ensinância; sua realização é o testemunho de que a renúncia é certeza de paz e de plenitude para si e para todos.

O Filho(a) transmite o que sabe, o que experimentou; aprende acerca da renúncia através do cumprimento de sua vocação de renúncia: esquecimento de si mesmo, oferenda, dedicação ao bem de todas as almas. Sua vida é sua mensagem.